

ESTATIVIDADE E MORFOLOGIA PROGRESSIVA: UMA ANÁLISE À LUZ DA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL¹

**STATIVITY AND PROGRESSIVE MORPHOLOGY:
AN ANALYSIS IN THE LIGHT OF BRAZILIAN PORTUGUESE ACQUISITION**

Adriana Leitão Martins² | [Lattes](#) | adrianaleitao@ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ana Luiza Oliveira Mota³ | [Lattes](#) | analuiza_om@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo visa a contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado, a partir da análise da emergência do imperfeito contínuo na aquisição do português do Brasil (PB). A análise da emergência das morfologias progressiva e não progressiva na expressão desse aspecto associadas aos diferentes tipos de verbo possibilitaria investigar se a morfologia progressiva não é associada apenas aos verbos de estado (SHIRAI e ANDERSEN, 1995). Contrariando essa previsão, a hipótese deste estudo é a de que, na expressão do imperfeito contínuo, a emergência da morfologia progressiva ocorre após a emergência da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo: atividade, estado, processo culminado e culminação. Para tanto, foi realizado um estudo longitudinal com dados de fala espontânea de uma criança em processo de aquisição do PB com idade entre 2;3 e 2;8. Foram analisadas as produções verbais relativas à expressão do aspecto imperfeito contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva em todos os tipos de verbo. Verificou-se que a expressão desse aspecto por meio da morfologia não progressiva aconteceu antes da sua expressão mediante a morfologia progressiva apenas nos verbos de estado e que sua expressão ocorreu primeiramente pela morfologia progressiva com verbos de atividade. Logo, a hipótese foi refutada. Pela análise dos resultados, discutiu-se que os verbos tipicamente classificados como de estado nem sempre o são, já que a associação desse tipo de verbo com uma morfologia progressiva confere um caráter dinâmico ao verbo.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem; Aspecto; Estatividade; Morfologia progressiva.

¹ Agradecemos aos avaliadores pela contribuição com a leitura e os comentários sugeridos para este trabalho.

² Professora Adjunta do Departamento de Linguística e Filologia, da Pós-Graduação em Linguística e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

³ Licenciada em Letras/Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

Abstract: This article aims to contribute to a discussion about the classification of types of verb, especially stative ones, upon an analysis of the emergency of the continuous aspect in the acquisition of Brazilian Portuguese. An analysis of the emergency of the progressive and the non progressive morphologies to the expression of this aspect associated to different types of verbs would enable to investigate if the progressive morphology is not associated only to stative verbs (SHIRAI AND ANDERSEN, 1995). Against this prediction, the hypothesis is, to the expression of the continuous aspect, the emergency of the progressive morphology occurs after the emergency of the non-progressive one with all types of verbs: activities, states, accomplishments and achievements. In order to verify this hypothesis, a longitudinal study with spontaneous speech data of a child acquiring Brazilian Portuguese in the age range from 2;3 to 2;8 was done. Verbal productions concerning the expression of the continuous aspect through the progressive and non progressive morphologies in all types of verb were analyzed. It was verified the expression of the continuous aspect through the non-progressive morphology occurred before its expression through the progressive morphology only in stative verbs, and that its expression occurred first through the progressive morphology with activity verbs. Therefore, the hypothesis was refuted. From the results analysis, it was discussed that verbs traditionally classified as stative not always are, since the association of this type of verb with a progressive morphology imparts a dynamic feature to the verb.

Keywords: Language Acquisition; Aspect; Stativity; Progressive Morphology.

Introdução

Este artigo está ancorado na corrente teórica gerativista, segundo a qual a linguagem é um conhecimento estruturado na mente, mais especificamente na Faculdade da Linguagem, e pode ser estudada por meio de uma abordagem formal. Além disso, esta proposta investigativa tem como base a abordagem lexicalista, atuando na interface sintaxe/semântica. Do ponto de vista da sintaxe, este estudo se volta para uma morfologia flexional, que traz informações de natureza sintática: a morfologia progressiva. Do ponto de vista semântico, a pesquisa trata de um traço semântico-lexical que pode estar disponível na entrada lexical dos verbos: o traço de estatividade.

Um importante pressuposto da corrente teórica gerativista é o inatismo, de acordo com o qual a espécie humana é predisposta biologicamente para a linguagem por meio de um componente inato, específico para o desenvolvimento linguístico – a Gramática Universal (de agora em diante, GU). Sendo a GU o estágio inicial da Faculdade da

Linguagem, uma das maneiras pelas quais é possível entender a representação mental da linguagem é por meio dos estudos de aquisição.

Um estudo de aquisição de linguagem contribui para responder a duas questões apresentadas por Chomsky como perguntas que norteiam o programa de investigação do gerativismo: “o que é conhecimento de linguagem?” e “como esse conhecimento é adquirido?” (CHOMSKY, 1986). Este artigo, portanto, além de contribuir para o entendimento de como o conhecimento de língua é adquirido, utiliza dados a respeito desse processo de aquisição para refletir sobre o que é conhecimento de linguagem ou, mais especificamente, o que constitui o conhecimento de *aspecto*.

De acordo com Comrie (1976), *aspecto* é constituído por diferentes modos de se visualizar a composição temporal interna de uma situação. Essa noção pode ser expressa por meio da morfologia verbal, sendo nomeado de *aspecto gramatical*, ou por meio da semântica interna dos verbos e dos demais elementos da sentença que podem alterar inicialmente essa semântica, sendo nomeado de *aspecto semântico*.

Dentre as hipóteses acerca da aquisição de aspecto, destaca-se a Hipótese da Primazia do Aspecto (de agora em diante, HPA), desenvolvida inicialmente, dentre outros, por Andersen (1989). Segundo tal hipótese, os morfemas flexionais utilizados nas etapas iniciais de aquisição de linguagem veiculam a noção de aspecto semântico, e não de aspecto gramatical ou tempo. Shirai e Andersen (1995) propõem uma divisão da hipótese em três partes. Conforme a terceira parte da hipótese, as crianças não estenderiam incorretamente a morfologia progressiva – morfologia flexional utilizada na fala adulta para a expressão de um aspecto gramatical e formada no português do Brasil por auxiliar seguido de verbo principal no gerúndio – a verbos de estado (classificação de verbo em função de seu aspecto semântico).

Neste estudo, questiona-se a pertinência da terceira parte da HPA para explicar o processo de aquisição do português do Brasil (doravante, PB). Assim, considerando-se o que é previsto por essa parte da HPA, pretende-se contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado, a partir da análise da emergência das morfologias que podem veicular aspecto gramatical na aquisição do PB.

1 Aspecto

Esta seção destina-se a discutir o *aspecto* do ponto de vista gramatical e semântico.⁴

⁴ Houve a opção pela nomenclatura “aspecto semântico” para este trabalho, mas há outras nomenclaturas possíveis. Por exemplo, Comrie (1976) chama de “aspecto inerente”, e Smith (1991), de *viewpoint aspect* (relacionado ao ponto de vista). Também é bastante difundido na literatura sobre o tema o rótulo “aspecto lexical”.

O aspecto gramatical refere-se à noção aspectual que pode ser veiculada pela morfologia verbal. Comrie (1976) postula dois tipos básicos para as línguas naturais, o *perfectivo* e o *imperfectivo*, sendo este último o objeto de interesse deste estudo.

O imperfectivo contempla a estrutura interna da situação, sendo possível visualizar suas fases internas, e pode ser subdividido em outras duas noções aspectuais: *habitual* e *contínuo*. Conforme o próprio nome sugere, o *imperfectivo habitual* refere-se a uma situação característica de um determinado período de tempo. Já o *imperfectivo contínuo* refere-se a uma situação em andamento no momento de referência. Exemplos de sentenças com o imperfectivo habitual e o contínuo podem ser observados, respectivamente, em (1) e (2).

- (1) Maria trabalha.
- (2) Maria está trabalhando.

O exemplo em (1), com a morfologia não progressiva, e aquele em (2), com a morfologia progressiva, trazem as noções aspectuais mais comumente associadas a essas morfologias, que são, respectivamente, habitualidade e continuidade. No entanto, essas noções não são necessariamente associadas a essas morfologias, conforme se pode observar nos exemplos em (3) e (4).

- (3) Maria está trabalhando (agora).
- (4) Maria trabalha **agora**.

Observa-se, pelos exemplos em (3) e (4), que o imperfectivo contínuo pode ser expresso por meio de duas morfologias, ou seja, de duas formas verbais ou marcas morfológicas: morfologia progressiva e morfologia não progressiva. O exemplo em (3) traz uma morfologia progressiva no PB, o auxiliar seguido de verbo principal no gerúndio, e a noção aspectual não parece depender tão claramente do uso do advérbio. O exemplo em (4) traz uma morfologia não progressiva no PB, o presente simples, que pode veicular outros tempos e aspectos.⁵ Neste exemplo, a noção aspectual está apoiada no uso do advérbio.

O aspecto semântico, por sua vez, refere-se ao significado aspectual intrínseco aos itens lexicais, independentemente de marcação morfológica (COMRIE, 1976). Nesse sentido, Vendler (1967) propôs uma classificação de verbos que leva em consideração determinadas propriedades aspectuais dos itens lexicais, nesse caso, dos predicados verbais, dividindo-os em quatro tipos: atividades (“correr”), estados (“amar”), processos

⁵ No PB, o presente simples não parece ser a realização *default* para a expressão do aspecto imperfectivo contínuo, mas sim a perífrase formada por auxiliar + verbo principal no gerúndio.

culminados (“correr um quilômetro”) e culminações (“achar a chave”).⁶ Esse autor, ao postular essa classificação de verbos, não afirma explicitamente que tal classificação esteja pautada pela noção de aspecto semântico, embora seja possível inferir que os tipos de verbo propostos se diferenciam conforme o aspecto semântico veiculado.⁷

Examinando mais detalhadamente os tipos de verbo de Vendler (1967), é possível pensar sobre eles a partir de traços aspectuais semânticos que são intrínsecos aos itens lexicais. Comrie (1976) estabeleceu três oposições semânticas aspectuais: pontualidade *versus* duratividade, estatividade *versus* dinamicidade e telicidade *versus* atelicidade.

A oposição entre pontualidade e duratividade consiste, segundo o autor, naquela estabelecida pela duração de um evento. Enquanto um evento pontual não tem duração interna nem mesmo em um curto período de tempo, o evento durativo dura por certo período de tempo. A oposição entre estatividade e dinamicidade, por sua vez, se dá de acordo com o gasto de energia de um evento. Enquanto um evento estativo não exige fornecimento contínuo de energia para que aconteça, o evento dinâmico demanda um fornecimento contínuo dessa energia, proveniente do sujeito da ação ou não, para acontecer. Com relação à oposição entre telicidade e atelicidade, a oposição reside no ponto final inerente de um evento. Por um lado, o evento télico é aquele que possui um ponto final inerente e, por outro lado, o evento atélico é aquele que não o possui.

Desse modo, retomando os quatro tipos de verbo segundo Vendler (1967) e as oposições aspectuais semânticas conforme Comrie (1976), pode-se compreender a proposta de Smith (1991) acerca dos traços inerentes aos tipos de verbo.

Quadro 1. Traços inerentes aos tipos de verbo

	Pontualidade	Estatividade	Telicidade
Atividade	[-]	[-]	[-]
Estado	[-]	[+]	-
Processo culminado	[-]	[-]	[+]
Culminação	[+]	[-]	[+]

Fonte: adaptação de Smith (1991).⁸

Conforme ilustrado pelo Quadro 1, no que diz respeito aos verbos de estado, tipo de verbo de especial relevo para este estudo, Smith (1991) caracteriza tais verbos como

⁶ Neste artigo, são utilizadas as traduções de Oliveira et al. (2003) para as categorias verbais propostas por Vendler (1967): “processos culminados” para accomplishments e “culminações” para achievements.

⁷ A classificação dos tipos de verbo com base no aspecto semântico dos itens lexicais presentes no sintagma verbal é feita em trabalhos como o de Smith (1991).

⁸ A autora acrescenta mais um tipo de verbo para além dos postulados por Vendler, que são os semelfactivos. Nesse tipo de verbo, os eventos são instantâneos e constituídos por fases, as quais são idênticas ao evento como um todo, como, por exemplo, “tossir”.

[-pontuais] e [+estativos].⁹ Apesar de se prolongarem por um determinado intervalo de tempo, de modo que são especificados negativamente para o traço de pontualidade, diferentemente dos verbos de atividade, os verbos de estado não dependem de um fornecimento contínuo de energia para continuar acontecendo, de modo que são especificados positivamente para o traço de estatividade. São exemplos de verbos de estado “saber”, “amar” e “morar”.

2 Estatividade e morfologia progressiva

Comrie (1976) destaca que os verbos de estado não se combinam com a morfologia progressiva, uma vez que isso envolveria uma contradição entre a estatividade do verbo e a não estatividade essencial do progressivo. Consoante o autor, no inglês, geralmente, não é possível usar a morfologia progressiva com verbos de estado, como, por exemplo, com aqueles que denotem percepção, tais como “see” (‘ver’) e “hear” (‘ouvir’), como ilustram os exemplos em (5) e (6).

(5) **I am seeing you there under the table.*

(6) **You aren't hearing.*

No PB, por outro lado, essa morfologia é aceitável, como demonstram os exemplos em (7) e (8), traduzidos de (5) e (6).

(7) Estou te vendo lá embaixo da mesa.

(8) Você não está ouvindo.¹⁰

De acordo com o autor, a possibilidade de ocorrência da morfologia progressiva com verbos dessa natureza seria justificada pela possibilidade de interpretá-los como não estados (situações dinâmicas). As diferentes línguas teriam uma escolha arbitrária quanto à classificação desses verbos como estados ou não estados.

No que diz respeito à literatura sobre os verbos de estado em termos de aquisição de linguagem, pode-se destacar a HPA. A hipótese consiste na ideia de que, quando as crianças utilizam determinado morfema flexional nas etapas iniciais de aquisição de linguagem, a noção veiculada é a de aspecto semântico, e não a de aspecto gramatical ou tempo. Logo, o aspecto semântico controlaria o uso das flexões verbais no início da aquisição da linguagem. Shirai e Andersen (1995) propõem a divisão dessa hipótese em

⁹ Smith (1991) aponta que o traço de telicidade é irrelevante para a caracterização de situações com propriedades estativas, uma vez que a telicidade/atelicidade refere-se a um evento com/sem ponto final inerente e, em situações com propriedades estativas, sequer há um evento.

¹⁰ Exemplos de (5) a (8) retirados de Comrie (1976, p. 35).

três partes:

As crianças usam primeiramente o passado (ou perfectivo) predominantemente com verbos de culminação e de processo culminado, estendendo eventualmente o uso para verbos de atividade e, por último, para verbos de estado.

Nas línguas que possuem a morfologia progressiva, as crianças primeiramente utilizam essa morfologia principalmente com verbos de atividade, estendendo posteriormente o seu uso para verbos de processo culminado e para verbos de culminação. As crianças não estendem incorretamente a morfologia progressiva para verbos de estado.

Com relação à terceira parte da HPA, os autores parecem se referir a “verbos de estado” como uma categoria ontológica. Neste estudo, faz-se referência a “verbos tipicamente classificados como de estado”, uma vez que se pretende problematizar a proposição de determinados verbos como sendo de estado independentemente da morfologia pela qual sejam realizados. Alguns autores, inclusive, buscam propor uma subclassificação para os verbos de estado. Duarte e Brito (2003), por exemplo, postulam que, no português, há seis subclasses de verbos de estado: existenciais (“haver”), locativos (“morar”), epistêmicos (“conhecer”), perceptivos (“ver”), psicológicos (“gostar”) e copulativos (“ser”).

Apesar de Comrie (1976) afirmar que os verbos tipicamente classificados como de estado e a morfologia progressiva não se combinam na língua inglesa, como apresentado anteriormente, tal combinação é atestada por muitos trabalhos, dentre eles Smiecinska (2002), Garcia (2010) e Guimarães (2017). Não se pode afirmar, no entanto, que essa combinação acontece já durante o processo de aquisição do inglês.

Com o intuito de verificar a combinação dos verbos tipicamente classificados como de estado com a morfologia progressiva na aquisição de linguagem, pretende-se, neste estudo, examinar a realização do aspecto imperfectivo contínuo por meio das morfologias progressiva e não progressiva em diferentes tipos de verbo durante a aquisição do PB. A análise da emergência dessas duas morfologias na expressão desse aspecto associadas aos diferentes tipos de verbo possibilitaria investigar se, de fato, a morfologia progressiva não apareceria associada apenas aos verbos tipicamente classificados como de estado, conforme prevê a parte (iii) da HPA. Além disso, tal estudo permitiria investigar se, havendo essa associação, a ordem de emergência de uma dada morfologia para a expressão do imperfectivo contínuo seria a mesma para todos os tipos de verbo. Por fim, esta investigação possibilitaria observar se, havendo a associação da morfologia progressiva a verbos tipicamente classificados como de estado, tal associação aconteceria tão amplamente quanto se vê a outros tipos de verbo.

Desse modo, neste estudo, hipotetiza-se que, na expressão do imperfectivo contínuo, a emergência da morfologia progressiva ocorre após a emergência da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo. Embora contrarie parte das previsões da HPA, a hipótese elaborada para esta pesquisa é legitimada pelo fato de a morfologia não progressiva no tempo presente do PB, o presente simples (tradicionalmente, *Presente do Indicativo*), ser tão amplamente utilizada na fala adulta para a expressão de diferentes tempos e aspectos¹¹, o que poderia justificar seu uso como uma morfologia *default* no início do processo de aquisição da fala infantil.

Observa-se a emergência das morfologias progressiva e não progressiva utilizadas especificamente para a expressão do imperfectivo contínuo pelo fato de especialmente ações em andamento ensejarem o uso de uma morfologia progressiva na gramática adulta. Ainda que o uso da morfologia progressiva não seja motivado pelo aspecto gramatical nos estágios mais iniciais da aquisição, como postula a HPA, a restrição da análise à expressão do imperfectivo contínuo tem por objetivo poder examinar um contexto que favorece o uso da morfologia progressiva na gramática adulta, uma vez que essa morfologia parece ser muito mais rara, por exemplo, para a expressão do imperfectivo habitual.

3 Metodologia

Adota-se como metodologia o desenvolvimento de um estudo longitudinal. Foram feitas dez coletas de dados de fala espontânea de uma criança em processo de aquisição do PB,¹² com intervalos de aproximadamente quinze dias entre as coletas. As coletas foram iniciadas com a idade de 2;3 e finalizadas com a idade de 2;8. A criança selecionada é denominada MV¹³ neste artigo.

Durante as coletas, alguns livros ou histórias infantis com temas que MV achava interessantes foram utilizados para incentivar sua produção. Entretanto, não havia o intuito de trabalhar com uma história específica de maneira continuada.

Alguns dados não foram considerados, como, por exemplo, as repetições imediatas produzidas pela criança do mesmo verbo com a mesma morfologia utilizado pelo

¹¹ O presente simples do PB pode veicular: i. tempo passado, como em “Cabral chega ao Brasil em 1500”; ii. tempo presente, como em “Carla corre todos os dias”; e iii. tempo futuro, como em “Amanhã passo na sua casa”. Nesses casos, as leituras temporal e aspectual estão amplamente apoiadas nos advérbios ou expressões adverbiais.

¹² Para a realização da pesquisa, os pais da criança assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

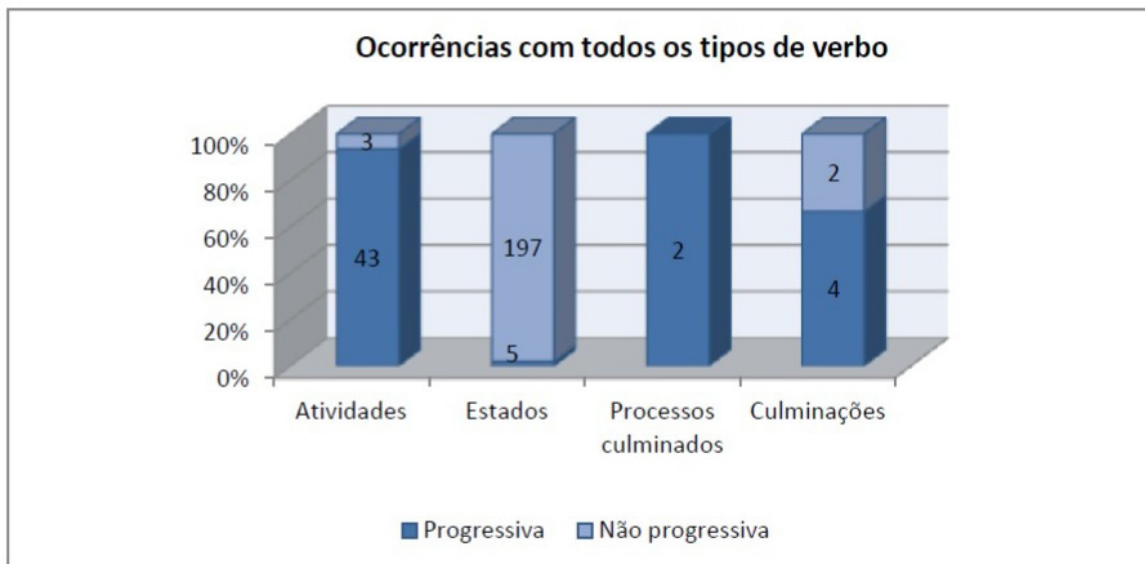
¹³ Os exemplos trazem siglas dos interlocutores que interagem com a criança, podendo ser a mãe (R), o tio (RT), a irmã (MC) ou as pesquisadoras (A, AL).

interlocutor da criança.¹⁴ Também foram desconsiderados quaisquer dados que geraram dúvidas de interpretação, como, por exemplo, quando a produção verbal da criança era de difícil compreensão por questões de ordem fonética.

4 Resultados

O gráfico contido na Figura 1 traz a quantidade geral das ocorrências de todos os tipos de verbo veiculando aspecto imperfeito contínuo nos dados de todas as coletas feitas. Em azul claro estão as ocorrências expressas pela morfologia não progressiva e, em azul escuro, as ocorrências expressas pela morfologia progressiva.¹⁵

Figura 1. Ocorrências de todos os tipos de verbo veiculando aspecto imperfeito contínuo



Fonte: própria autoria.

Pode-se observar que, com os verbos de atividade, o número de ocorrências veiculando aspecto imperfeito contínuo por meio da morfologia progressiva é expressivamente maior que o número de ocorrências desse mesmo tipo de verbo veiculando esse mesmo aspecto com a morfologia não progressiva. O contrário acontece com os verbos tipicamente classificados como de estado, em que as ocorrências veiculando aspecto imperfeito contínuo são majoritariamente com a morfologia não progressiva.

¹⁴ Entretanto, foram consideradas as produções verbais da criança com a mesma morfologia utilizada pelo interlocutor com verbos diferentes.

¹⁵ No que diz respeito à segunda coluna do gráfico, bem como será observado no quarto gráfico da Figura 2, o que se chama de "estados" são "verbos tipicamente classificados como de estado", pelo motivo que já foi apontado na seção 3 deste artigo.

Já com relação aos verbos de processo culminado e de culminação veiculando aspecto imperfectivo contínuo, é importante destacar que, diferentemente do número bastante expressivo de verbos de atividade e de estado verificado nos dados, só foram registradas duas ocorrências de verbos do tipo “processo culminado” e seis ocorrências de verbos do tipo “culminação” veiculando aspecto imperfectivo contínuo. Dentre essas, só houve ocorrências de verbos de processo culminado com a morfologia progressiva e houve ocorrências de verbos de culminação tanto com a morfologia progressiva quanto com a não progressiva.

Destacam-se, no Quadro 2, alguns dos verbos produzidos pela criança em contextos condizentes com a expressão do imperfectivo contínuo, os quais são exemplificados nesta seção.

Quadro 2. Alguns dos verbos produzidos pela criança na expressão do imperfectivo contínuo

Atividade	Estado	Processo culminado	Culminação
“dormir”, “fazer”	“ficar”, “saber”, “ter”	“subir (em alguém)”	“pular”, “conseguir”

Fonte: Elaborado pelas autoras.

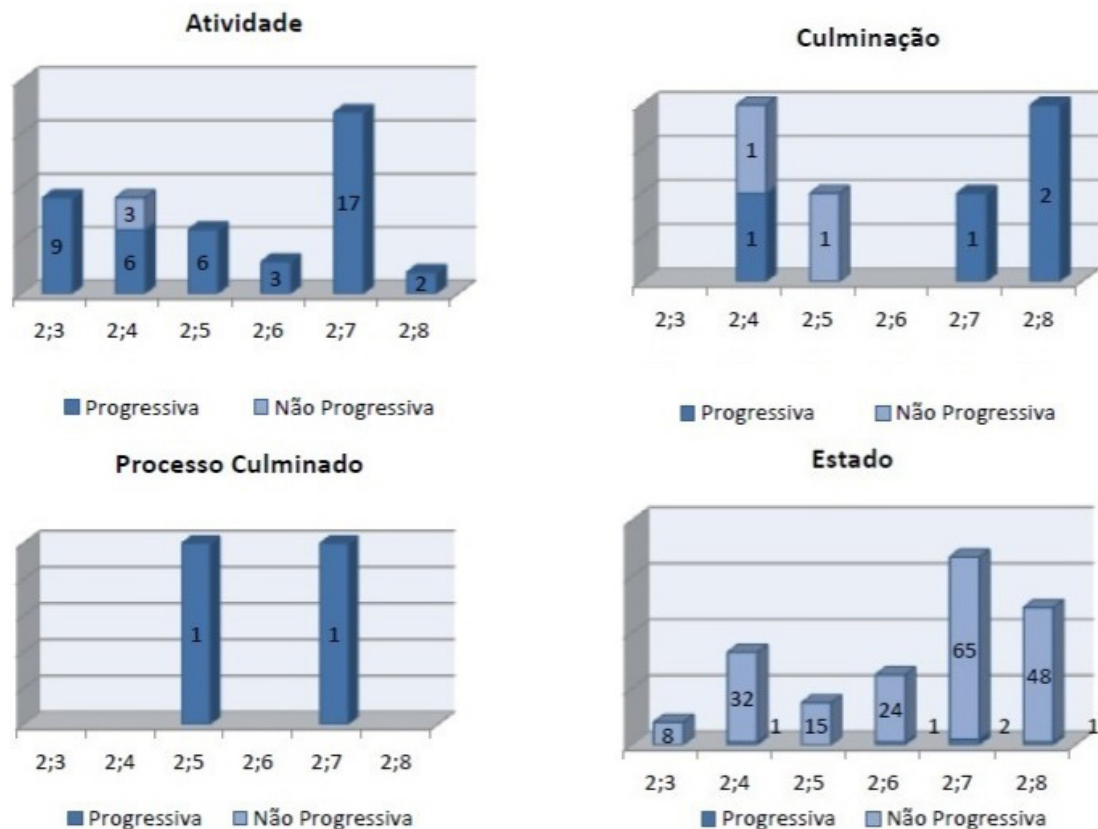
Retomando a classificação dos tipos de verbo segundo Vendler (1967) e a proposta de traços inerentes aos tipos de verbo segundo Smith (1991), consideraram-se, na análise:

- Verbos como “dormir” e “fazer”, por serem [- pontuais], [- estativos], e [- télicos], como de atividade.
- Verbos como “ficar”, “saber” e “ter”, comumente considerados [- pontuais] e [+ estativos], como de estado.
- Verbos como “subir (em alguém)”, por serem [- pontuais], [- estativos] e [+ télicos], como de processo culminado.
- Verbos como “pular”¹⁶, por serem [+ pontuais], [- estativos] e [+ télicos], como de culminação.

Os gráficos na Figura 2 trazem as ocorrências de cada tipo de verbo contabilizadas em função da idade da criança:

¹⁶ Dentro dos tipos de verbo propostos por Vendler (1967), o verbo “pular” é classificado como culminação. No entanto, ao associar-se com a morfologia progressiva, há uma leitura iterativa para este verbo. Caso a classificação de Smith (1991) para tipos de verbo estivesse sendo adotada, este verbo poderia ser classificado como *semelfactivo*, conforme explicado na nota 8 deste artigo.

Figura 2. Ocorrências de cada tipo de verbo agrupadas em função da idade da criança



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pode-se perceber que, com relação aos verbos de atividade, a criança já produzia com 2;3 esse tipo de verbo veiculando aspecto imperfectivo contínuo com a morfologia progressiva. Já com 2;4, a criança produziu esse tipo de verbo veiculando aspecto imperfectivo contínuo tanto com a morfologia progressiva quanto com a morfologia não progressiva, que são apresentados, respectivamente, nos exemplos em (9) e (10):

- (9) AL: Como que é a música de lavar a mão, V.?
MV: Lava a mão! (cantando)
AL: Porque agora eu acho que você vai precisar lavar a mão, né? Igual aqui no livrinho.
MV: **Tá dormindo.**¹⁷
- (10) MC: Mostra pra tia! Você sabe fazer balé, né?
(MV dança)
AL: Ai que fofa!
MV: Quero fazer balé. Eu **faz** balé.

¹⁷ Nos trechos de fala espontânea transcritos neste artigo, não há comprometimento com a transcrição fonética ou fonológica, pois se acredita que uma transcrição nesse âmbito não contribuiria para o estudo em questão.

Na ocorrência em (9), a criança e uma das pesquisadoras estão lendo um livro e brincando com massinha, e a criança se utiliza de um verbo de atividade, “dormir”, para contar o que fazia um dos personagens. Na ocorrência em (10), a criança se utiliza do verbo “fazer” para contar que ela sabe dançar balé e faz isso no momento da fala.

Sobre os verbos de processo culminado, houve apenas duas ocorrências nos dados analisados desse tipo de verbo veiculando aspecto imperfectivo contínuo, uma com 2;5 e outra com 2;7. Ambas as ocorrências foram com a morfologia progressiva. A primeira delas é a apresentada em (11):

- (11) MV: **Tá subindo** na A.
RT: Quem tá subindo na A.?
MV: A Sofia!

No exemplo em (11), a criança relata a subida de um animal de estimação (“Sofia”) em outra pessoa. Observa-se um verbo de processo culminado, que se comporta de maneira semelhante aos verbos de atividade, exceto pelo fato de apresentar um ponto final inerente – neste caso, expresso por meio do adjunto “em alguém” (“na A.”).

Com relação aos verbos de culminação, as primeiras ocorrências desse tipo de verbo veiculando aspecto imperfectivo contínuo foram quando a criança tinha 2;4. Nessa idade, ela produziu tanto a morfologia progressiva quanto a morfologia não progressiva veiculando o imperfectivo contínuo. Os exemplos apresentados em (12) e (13), de quando a criança tinha 2;4, ilustram as produções com a morfologia progressiva e a não progressiva, respectivamente:

- (12) AL: Aqui o coelhinho.
MV: O coelho.
AL: Ele tá onde?
MV: **Pulando**.
AL: Pulando? Ah, legal. E aqui, o que o coelhinho tá comendo?
MV: Cenoura.
- (13) AL: Vai chamar ela pra fazer um gol?!
MV: Eu fazer gol. (com as mãos)
R: Ah, gol assim não vale!
MV: Vale sim!
(Todos ficam jogando mais um pouco)
MV: Ai, não **consegue**...

A ocorrência em (12) mostra a criança e uma das pesquisadoras observando um livro no qual um dos personagens é um coelho. A criança relata o que ele faz naquela página e utiliza o verbo “pular”, um verbo de culminação. No exemplo em (13), em uma partida de futebol de botão, a criança está em vias de fazer um gol, em um processo durativo, mas não é bem-sucedida e se utiliza do verbo de culminação “conseguir”, pontual, para expressar a tentativa que prevê que seja frustrada.

Já com relação aos verbos tipicamente classificados como de estado, a criança já produzia esse tipo de verbo com a morfologia não progressiva veiculando aspecto imperfectivo contínuo desde o início das coletas, quando tinha 2;3. Com 2;4, a criança produziu esse tipo de verbo tanto com morfologia progressiva quanto com morfologia não progressiva veiculando aspecto imperfectivo contínuo. São apresentados, a seguir, exemplos encontrados nos dados de verbos tipicamente classificados como de estado com a morfologia progressiva, em (14), quando a criança tinha 2;7, e com a morfologia não progressiva, em (15), quando tinha 2;4:

(14) MV: Tá de noite lá.

R: Tá o quê, Maria?

MV: Tá de noite.

AL: No filme tá de noite, né?

MV: É, lá. Tá **ficando** igual.

(15) AL: É um passarinho.

MV: É. (MV fecha o livro)

AL: Ué, acabou? Acabou com o passarinho? Vamos ver outro livrinho...

MV: Esse!

AL: Esse aqui é de quê, V.?

MV: É da C.

AL: É da C.?! Olha, aqui tem outro, que legal...

MV: Eu **vê**.

Na ocorrência descrita no exemplo em (14), a criança e uma das pesquisadoras estavam assistindo a um filme por volta de 18 h, quando estava começando a anoitecer. Na cena do filme, já estava de noite, então a criança se utiliza de um verbo de estado, “ficar”, para expressar a semelhança entre as situações do filme e da sua realidade. Na

ocorrência em (15), destaca-se o verbo “ver”, do qual a criança se utiliza para ressaltar o fato de que ela está vendo o livro naquele momento. Como esse conhecimento coincide com o momento da fala, tais realizações foram analisadas como a expressão do aspecto imperfectivo contínuo.

5 Discussão

Diante dos resultados descritos na seção precedente, pode-se observar que a ordem de emergência das morfologias progressiva e não progressiva com cada tipo de verbo para a expressão do aspecto imperfectivo contínuo nos dados analisados ocorre conforme resumido no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3. Emergência das morfologias progressiva e não progressiva nos dados analisados

	1ª ocorrência	2ª ocorrência
Atividade	Progressiva (2;3)	Não progressiva (2;4)
Estado	Não progressiva (2;3)	Progressiva (2;4)
Processo culminado	Progressiva (2;5)	-
Culminação	Não progressiva (2;4)/ Progressiva (2;4)	-

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como demonstra o Quadro 3, a morfologia não progressiva não foi utilizada antes da progressiva com todos os tipos de verbo, emergindo no mesmo período que a progressiva com os verbos de culminação e antes que a progressiva apenas com os verbos tipicamente classificados como de estado. Logo, a hipótese deste estudo, segundo a qual, na expressão do imperfectivo contínuo, a emergência da morfologia progressiva ocorreria após a emergência da morfologia não progressiva com todos os tipos de verbo, foi refutada com base nos dados da criança analisada.

Examinando especificamente os verbos tipicamente classificados como de estado, observaram-se ocorrências com a morfologia progressiva nas seguintes idades: 2;4, 2;6, 2;7 e 2;8. No total, foram detectadas cinco ocorrências com essa morfologia, um índice baixo se comparado à morfologia não progressiva. Já os verbos tipicamente classificados como de estado veiculando aspecto imperfectivo contínuo com a morfologia progressiva que foram detectados na amostra são apresentados no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4. Ocorrência dos verbos tipicamente classificados como de estado veiculando aspecto imperfectivo contínuo com a morfologia progressiva

Idade	Verbo
2;4	Ver
2;6	Ver
2;7	Ver
2;7	Ficar
2;8	Doer

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Logo, ainda que em menor número, observaram-se algumas ocorrências de verbos tipicamente classificados como de estado sendo usados com a morfologia progressiva nos dados deste estudo. A partir disso, retoma-se a terceira parte da HPA, segundo a qual as crianças não estendem incorretamente a morfologia progressiva para verbos de estado, para se levantar duas possibilidades de interpretação dos dados: (i) essa parte da hipótese está correta e, de fato, essa combinação não é autorizada, já que os verbos com os quais a morfologia progressiva foi combinada não apresentam genuinamente o traço de estatividade; ou (ii) essa parte da hipótese, tal como formulada, não está correta, visto que a realização de um verbo tipicamente classificado como de estado com morfologia progressiva foi observada já com 2;4.

Argumenta-se, neste estudo, a favor da proposta (i) de interpretação supracitada, uma vez que os verbos tipicamente classificados como de estado podem nem sempre o ser. Por exemplo, os verbos listados no Quadro 4 poderiam ser combinados com a morfologia progressiva mesmo por falantes adultos do PB.¹⁸ Por exemplo, na sentença apresentada em (14), “Tá **ficando** igual”, pode-se inferir que há um traço [- estativo] (ou [+ dinâmico]) associado ao verbo na forma morfológica assumida nessa sentença.¹⁹ Uma análise análoga pode ser feita com relação aos verbos “ver” e “doer”.²⁰

¹⁸ Os dados de Guimarães (2017) trazem essa combinação na produção de falantes adultos nativos do PB com dois dos três verbos tipicamente classificados como de estado produzidos pela criança deste estudo (“ver” e “ficar”).

¹⁹ Além disso, vale destacar que o verbo “ficar” pode possuir um caráter transitório, típico de verbos dinâmicos, a depender do sintagma por ele subcategorizado. Por exemplo, enquanto esse verbo, combinado com um sintagma preposicional, como em “ficar na estante”, expressa uma situação mais estativa, combinado com um sintagma adjetival, como em “ficar cansado”, expressa uma mudança de estado. Logo, teríamos um verbo efetivamente de estado apenas no primeiro caso.

²⁰ Em uma das ocorrências com o verbo “ver”, a criança está procurando os óculos da mãe dentro de uma bolsa, porém não os encontra e diz para o tio: “não estou vendo”. Na ocorrência com o verbo “doer”, a mãe estava assoando o nariz da criança, que estava gripada. Enquanto isso acontecia, a criança disse: “tá doendo”. Em ambas as ocorrências, assumimos que haja um traço [- estativo] (ou [+ dinâmico]) associado ao verbo.

Logo, quando combinados com a morfologia progressiva, a assunção de que os verbos tipicamente classificados como de estado sempre contenham os traços [- pontual] e [+ estativo] pode ser questionada. Esses verbos com a morfologia progressiva teriam, necessariamente, o traço [- estativo]. A ocorrência de verbos tipicamente classificados como de estado combinados com a morfologia progressiva se daria por conta da seleção da entrada lexical correspondente a esse verbo com o traço [- estativo], o que faria com que esses verbos, nessas ocorrências, não deveriam ser classificados como “verbos de estado”, o que está em consonância com o que propunha Comrie (1976). A morfologia, então, seria um indicador para a classificação dos tipos de verbo.

No entanto, precisa ser amadurecido ainda qual seria o traço primitivo da entrada lexical: o semântico-lexical [- estativo], ou o morfossintático, que corresponde ao progressivo. Talvez um estudo mais acurado revele que esses dois traços correspondam a apenas um.²¹

Assim, a partir da discussão feita aqui, argumentamos que os dados deste estudo vão na direção da terceira parte da HPA e, portanto, parece que verbos de estado genuínos²² não são de fato combinados com a morfologia progressiva na aquisição de linguagem.

Além das observações sobre o uso da morfologia progressiva com os verbos tipicamente classificados como de estado, pontua-se também que, para o fato de a morfologia não progressiva ser primeiramente e mais amplamente utilizada com esses verbos para a expressão do imperfectivo contínuo, duas possibilidades de interpretação são possíveis: (i) a maioria dos verbos tipicamente classificados como de estado de fato apresenta o traço estativo, e a pouca utilização da morfologia progressiva associada a esses verbos ao longo das coletas não só reflete a restrição apresentada na terceira parte da HPA, como sustenta que tal restrição é prevista pela GU; ou (ii) grande parte dos verbos tipicamente classificados como de estado é preferencialmente combinada com a morfologia não progressiva no *input* ao qual a criança é exposta, da fala adulta, e o comportamento observado na produção da criança revela que essa associação entre tipo de verbo e morfologia é apenas resultante da repetição de um padrão observado na fala adulta.

Com relação ao *input*, os dados de Guimarães (2017) mostram que os falantes

²¹ Em uma nota de rodapé, Comrie (1976), que é tomado como referência neste estudo, já apontava para uma certa circularidade desse raciocínio com relação à estatividade e à progressividade. Essa circularidade também é admitida pelas autoras deste estudo e, nesse sentido, a discussão proposta aqui se aproxima de uma classificação tautológica dos verbos, necessitando ainda de um maior refinamento.

²² Por *verbos de estado genuínos*, entendem-se aqueles verbos que, mesmo na gramática do falante adulto nativo do PB, não se combinam com a morfologia progressiva, como o verbo “existir”, de acordo com Guimarães (2017).

adultos nativos do PB combinam praticamente com a mesma frequência a morfologia progressiva e a não progressiva com os verbos tipicamente classificados como de estado para a expressão do imperfectivo contínuo. Logo, o *input* oferecido às crianças pelos adultos nativos do PB não explicaria essa combinação inicial preferencial entre a morfologia não progressiva e os verbos tipicamente classificados como de estado. Sendo assim, sustentamos a proposta (i) apresentada acima: a restrição da combinação da morfologia progressiva com verbos tipicamente classificados como de estado é dada pela GU.

Talvez alguns verbos sejam primeiramente percebidos como [+ estativos] e, só *a posteriori*, depreendidos como entradas lexicais que podem opcionalmente carregar um traço semântico-lexical [- estativo]. Só a partir dessa nova percepção do traço semântico-lexical desses verbos é que eles seriam combinados com a morfologia progressiva. Os dados da criança analisada trazem, por exemplo, o verbo “ficar” primeiramente combinado com a morfologia não progressiva e, posteriormente, com a morfologia progressiva.

Considerações finais

Esta pesquisa tinha por objetivo específico analisar a emergência das morfologias progressiva e não progressiva associadas a todos os tipos de verbo na expressão do imperfectivo contínuo na aquisição do PB. Para tanto, adotou-se a hipótese de que, na expressão do imperfectivo contínuo, a morfologia não progressiva emerge antes da morfologia progressiva com todos os tipos de verbo. Ao analisar os dados longitudinais de fala espontânea de uma criança em processo de aquisição do PB, verificou-se que, na expressão do aspecto em questão, a emergência da morfologia não progressiva aconteceu antes da emergência da morfologia progressiva apenas nos verbos tipicamente classificados como de estado. Logo, a hipótese desta pesquisa foi refutada.

Esta pesquisa tinha como objetivo mais geral contribuir para a reflexão a respeito da classificação dos tipos de verbo, em especial, os de estado. A partir da análise dos resultados, observou-se que, ainda que em número consideravelmente menor de vezes, os verbos tipicamente classificados como de estado foram combinados com a morfologia progressiva para a expressão do aspecto imperfectivo contínuo. Com isso, foi possível levantar o questionamento sobre se os verbos tipicamente classificados como de estado sempre o são. A associação do verbo com a morfologia progressiva confere-lhe um caráter dinâmico, caráter que, *a priori*, um verbo tipicamente classificado como de estado não tem. Assim, argumentamos que, quando o verbo é selecionado do léxico com o traço semântico-lexical de [+ estativo], ele não pode carregar simultaneamente o traço sintático

correspondente à morfologia progressiva. Logo, quando combinado com a morfologia progressiva, o verbo possui o traço [- estativo] e, nesse caso, não deve ser classificado como verbo de estado. A morfologia, então, seria um indicador para a classificação dos tipos de verbo. Mais especificamente, a morfologia progressiva seria um indicador para a classificação de um verbo como não estativo.

Dada a interpretação que se conferiu aos resultados deste estudo relativos aos verbos tipicamente classificados como de estado combinados com a morfologia progressiva, argumentou-se que os dados deste estudo não possibilitam a refutação da terceira parte da HPA, que prevê que a morfologia progressiva não é estendida para verbos de estado. Ainda, baseado no baixo número de ocorrências de verbos tipicamente classificados como de estado combinados com a morfologia progressiva observado nos dados deste estudo, argumentou-se que a restrição prevista pela terceira parte da HPA parece ser imposta pela GU, já que dados de falantes adultos nativos do PB mostram ampla combinação de verbos tipicamente classificados como de estado com a morfologia progressiva, o que indicaria a reanálise pelas crianças desses verbos como sendo [- estativos] em um momento mais tardio da aquisição.

Por fim, destaca-se que um desdobramento possível desta pesquisa seria a investigação da aquisição do aspecto imperfectivo contínuo para a expressão dos verbos tipicamente classificados como de estado no inglês, língua a partir da qual foi proposta a terceira parte da HPA. Tal investigação poderia ser justificada pelo fato de a previsão de Shirai e Andersen (1995) para a não combinação de verbos de estado com a morfologia progressiva durante a aquisição ter sido feita em 1995, e estudos recentes demonstrarem que essa combinação ocorre em dados de falantes adultos nativos dessa língua (SMIECINSKA, 2002; GARCIA, 2010; GUIMARÃES, 2017). Logo, uma baixa combinação da morfologia progressiva com os verbos de estado no início do processo de aquisição do inglês observada em dados coletados atualmente reforçaria a argumentação apresentada na terceira parte da HPA e neste artigo pelo fato de falantes adultos do inglês terem aparentemente alterado o seu padrão quanto a essa combinação, realizando-a atualmente com certa frequência, enquanto as crianças adquirindo essa língua restringiriam essa combinação por começarem o processo de aquisição guiadas por restrições da GU.

Referências

ANDERSEN, R. 'The acquisition of verbal morphology'. Los Angeles. University of California. Published in Spanish as 'La adquisición de la morfología verbal'. *Linguística*, v.1, p. 89-141, 1989.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

DUARTE, I.; BRITO, A. M. Predicação e classes de predicadores verbais. In: MIRA MATEUS, M.H. et al. (Orgs.). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 179-203.

GARCIA, A. S. Verbos incompatíveis com o progressivo: estudo comparativo do inglês e do português. *Revista Soletras*, Ano X, n.20, jul./dez. São Gonçalo: UERJ, 2010. p. 146-164.

GUIMARÃES, P. A. L. *Verbos de estado e morfologia de progressivo: um estudo comparativo entre o português do Brasil e o inglês dos Estados Unidos da América*. 2017. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

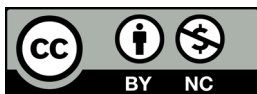
OLIVEIRA, F. et al. Tempo e aspecto. In: MIRA MATEUS, M. H. et al. (Orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 127-177.

SHIRAI, Y.; ANDERSEN, R. W. The Acquisition of Tense-Aspect Morphology: A Prototype Account. *Language*, v.71, issue 4 (Dec., 1995), 1995. p. 743-762.

SMIECINSKA, J. Stative verbs and the Progressive Aspect in English. *Poznan Studies in Contemporary Linguistics*, n. 38, 2002. p.187-195.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Kluwer: Dordrecht, 1991.

VENDLER, Z. Verbs and times. In: _____. (Ed.). *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967. p. 97-121.



Data de submissão: 30/09/2017

Data de aceite: 28/03/2018